

Auto-conceito/auto-estima e vinculação nas relações de namoro em estudantes do ensino secundário

Susana Custódio¹, Carla Domingues¹, Lindsay Vicente¹, Marta Silva¹, Mónica Dias¹ & Sara Coelho¹

¹Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Leiria

As relações de namoro, enquanto relações de vinculação, assumem uma importância fulcral no processo de desenvolvimento, com implicações no auto-conceito e na auto-estima.

Este estudo visa avaliar o auto-conceito e auto-estima dos adolescentes, bem como a sua relação amorosa numa perspectiva de vinculação. Pretendemos igualmente analisar a relação entre estas variáveis e dados de caracterização sócio-demográfica e da relação de namoro.

A amostra é constituída por 149 estudantes do 10.º, 11.º e 12.º anos.

Recorreu-se à Escala de Auto-Conceito e Auto-Estima (Peixoto & Almeida, 1999) para a avaliação do auto-conceito e da auto-estima.

Para estudar as representações da vinculação de adolescentes ao par romântico utilizou-se o Questionário de Vinculação Amorosa (QVA) (Matos & Costa, 2001).

Os dados obtidos permitiram constatar a existência de diferenças em dimensões específicas do auto-conceito em função do sexo dos estudantes. Verificaram-se associações significativas entre aspectos específicos do auto-conceito e a vinculação ao par romântico.

Palavras-Chave: Auto-conceito, auto-estima, vinculação, namoro

1. INTRODUÇÃO

As representações que cada indivíduo constrói acerca do seu self permitem interpretar e dar significado às experiências quotidianas, possibilitando a manutenção de uma imagem coerente de si próprio (Harter, 1999). A construção de tais representações não ocorre num vácuo social sendo influenciada por diversos factores e contextos, nomeadamente o familiar e o grupo de pares.

O autoconceito pode ser definido como o conjunto de percepções que as pessoas possuem acerca de si próprias (Shavelson & Bolus, 1982), assumindo um carácter fundamentalmente cognitivo. A auto-estima, por sua vez, traduz uma componente predominantemente afectiva da representação que a pessoa constrói sobre si.

Diversos estudos sobre o auto-conceito constataram diferenças significativas nas dimensões relacionadas com a actividade física e competências atléticas em função do sexo. Os rapazes comparativamente com as raparigas apresentavam auto-conceitos físicos mais elevados (Peixoto, 2003).

Apesar da construção do auto-conceito ser um processo contínuo, optou-se por incidir o nosso estudo na adolescência dado esta ser uma etapa do ciclo vital cuja tarefa de desenvolvimento primordial é a construção da identidade. Por outro lado, constitui-se como um período em que as relações de namoro assumem igualmente um contexto de desenvolvimento e de vinculação importante, com implicações para a auto-estima e o auto-conceito dos adolescentes.

A importância dos pares pode ser melhor compreendida se atendermos ao facto da adolescência ser um período de múltiplas mudanças que desafiam o sentido de identidade, o auto-conceito e auto-estima. Estas mudanças desenvolvimentais incrementam a capacidade do adolescente e dos seus pares funcionarem como figuras de vinculação uns em relação aos outros (Soares, 2007).

Em termos gerais, a teoria da vinculação afirma a necessidade universal das pessoas desenvolverem laços afectivos de proximidade com o objectivo de atingir a sensação de segurança, a qual permite ao indivíduo explorar o mundo em seu redor (Ainsworth, 1989; Bowlby, 1973).

Na perspectiva da vinculação, a adolescência representa um período de transição entre as vinculações na infância, estabelecidas fundamentalmente no contexto da relação pais-filho(a), e as ligações afectivas adultas que vão para além das relações familiares. Assim, importa nesta faixa desenvolvimental atender ao papel da relação amorosa como contexto de vinculação, ou seja, como contexto que contribui para a (re)elaboração de um sentido interno de confiança e de segurança pessoal (Matos, Barbosa & Costa, 2001).

É a partir do final da adolescência que os relacionamentos românticos assumem e revestem-se de um maior significado e estabilidade no tempo, começando os sujeitos a ensaiar os equilíbrios possíveis entre a construção da intimidade e da identidade (Matos & Costa, 2006).

Espera-se que as raparigas apresentem vinculações mais preocupadas relativamente aos seus namorados (vinculação pautada pela dependência) e os rapazes vinculações mais desinvestidas (vinculação pautada pelo evitamento) (Bartholomew & Horowitz, 1991).

É neste enquadramento conceptual que se pretende explorar em que medida as relações amorosas nos adolescentes se constituem como um contexto importante para a avaliação que o indivíduo faz de si próprio, enquanto merecedor de atenção e afecto, e dos outros, enquanto figuras disponíveis e responsivas às suas necessidades (Bowlby,

1973; Hazan & Shaver, 1994). Pretende-se verificar a existência de diferenças a nível do auto-conceito e auto-estima e em termos das representações da vinculação ao par romântico em função de variáveis sócio-demográficas e académicas e de caracterização da relação de namoro. Pretende-se igualmente estudar as relações entre auto-conceito e auto-estima e vinculação ao par romântico.

2. MÉTODO

2.1. Participantes

Definiram-se como critérios de inclusão na amostra: a) ser estudante do ensino secundário; b) ter autorização dos pais/encarregados de educação para participar no estudo (em caso de terem menos de 18 anos); c) ter actualmente ou ter tido namorado(a); d) estar presente no momento de administração do protocolo de investigação; e, por último, e) participar de livre vontade no estudo.

Relativamente ao processo de constituição da amostra recorreu-se ao método de amostragem não-probabilística intencional.

No total, foram recolhidos 151 protocolos de investigação sendo que, após verificados quanto ao seu preenchimento, constatou-se a existência de alguns dados omissos. Neste sentido, foi feito o estudo dos dados omissos por sujeito e por item, incidência e distribuição. Para decidir qual a estratégia mais adequada levou-se em consideração o facto dos dados omissos terem, ou não, uma distribuição aleatória e terem, ou não, uma incidência superior a 10%, valor acima do qual os autores referem maiores probabilidades de enviesamento (Allison, 2002). Em virtude de apresentarem mais de 10% de dados omissos nos instrumentos de recolha de dados, 2 sujeitos foram excluídos. Assim, da amostra fizeram parte 149 casos válidos.

Após eliminação dos sujeitos com mais de 10% de omissos a frequência dos dados omissos por variável não foi além de 3.4%. Ficou demonstrado terem os dados omissos uma distribuição MCAR (Missing Completely at Random), o Litle's MCAR test obteve o valor de $\chi^2(5414,871) = 5416, p = .502$. Podendo assumir-se a aleatoriedade dos omissos, estes foram substituídos com o procedimento *Regression* disponível no SPSS 17.0.

A amostra ficou então constituída por 149 estudantes do ensino secundário, de uma escola secundária da Zona Centro. Do total da amostra 64 (43%) estudantes eram do sexo masculino e 85 (57%) do sexo feminino.

As idades dos participantes variavam entre os 14 e os 22 anos com uma média de 16.48 anos (DP=1.51).

Relativamente ao ano de escolaridade, 78 (52.3%) dos participantes frequentavam o 10.º ano, 58 (38.9%) estudavam no 11.º ano e 13 (8.7%) andavam no 12.º ano.

2.2. Instrumentos

Foi administrado aos estudantes que participaram neste estudo um protocolo de investigação, na sua globalidade, constituído por 5 instrumentos: um questionário de caracterização sócio-demográfica e académica, um questionário de caracterização da relação de namoro, uma Escala de Auto-conceito e Auto-estima (Peixoto & Almeida, 1999), uma Escala de Importância (Peixoto & Almeida, 1999; esta escala não será abordada no âmbito do trabalho aqui apresentado) e um Questionário de Vinculação Amorosa (QVA; Matos & Costa, 2001).

A Escala de Auto-conceito e Auto-Estima é constituída por 51 itens num formato de resposta tipo *Likert* de 4 pontos, oscilando entre 1 (exactamente como eu) e 4 (completamente diferente de mim). Pontuações mais altas correspondem a um auto-conceito e a uma auto-estima mais elevados. A escala é composta por 10 subescalas: Competência Escolar, Aceitação Social, Competência Atlético, Aparência Física, Atração Romântica, Comportamento, Amizades Íntimas, Competência a Língua Materna, Competência a Matemática e Auto-Estima. Esta escala possibilita a obtenção de medidas para cada uma das dimensões específicas do auto-conceito e para a auto-estima.

O QVA é um instrumento de auto-relato constituído por 52 itens num formato de resposta tipo *Likert* de cinco pontos, variando de 1 (discordo totalmente) a 6 (concordo totalmente). O questionário integra 4 dimensões: confiança, dependência, evitamento e ambivalência.

2.3. Procedimentos

Tendo em conta os aspectos éticos que presidem a qualquer investigação, após a selecção dos instrumentos de recolha de dados contactámos os respectivos autores, no sentido de lhes solicitar autorização para a sua utilização. Desde logo nos disponibilizámos para a divulgação dos resultados obtidos no estudo se assim o desejassem.

A etapa seguinte consistiu em solicitar ao director da escola secundária autorização para proceder à recolha de dados junto dos estudantes do 10.º, 11.º e 12.º anos.

Estabelecidos os contactos e obtido o consentimento do órgão directivo, pedimos autorização à Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, para a aplicação dos questionários em meio escolar.

Após a aprovação da realização do estudo em meio escolar solicitámos a autorização expressa dos pais/encarregados de educação, clarificando-se o âmbito, natureza e objectivos do estudo.

Os questionários foram administrados de forma colectiva, em contexto de sala de aula, pelo professor. Anexo ao protocolo de investigação constava uma carta dirigida aos estudantes onde se apresentava o estudo e se solicitava aos mesmos a sua colaboração. Os estudantes foram ainda informados acerca do carácter anónimo e confidencial dos dados, bem como da sua participação voluntária.

O processo de recolha de dados decorreu no mês de Dezembro de 2009.

Depois da recolha de dados, os questionários foram cotados de acordo com as indicações dos respectivos autores. Importa referir que em virtude de alguns itens nas escalas utilizadas estarem formulados no sentido negativo foi necessário proceder à sua inversão. O passo seguinte consistiu no tratamento e análise dos dados. Os cálculos foram efectuados com recurso ao programa estatístico SPSS (*Statistical Package for Social Science*), versão 17.0.

Os procedimentos estatísticos utilizados foram escolhidos de acordo com os objectivos formulados. Com a finalidade de caracterizar as variáveis em estudo procedemos ao cálculo das medidas de tendência central e de dispersão. Para a comparação de médias recorremos ao teste t de student e ANOVA. Por último, para o teste de associação entre variáveis procedemos ao cálculo do coeficiente de correlação de Pearson.

3. RESULTADOS

Em seguida, procede-se à apresentação e análise dos resultados obtidos no âmbito do estudo apresentado.

Relativamente ao número de reprovações 83 (55.7%) estudantes nunca reprovaram enquanto 66 (44.3%) estudantes já tiverem pelo menos uma retenção escolar ao longo do seu percurso académico.

Com o objectivo de verificar a existência de diferenças nas diversas dimensões do auto-conceito e na auto-estima em função da existência ou não de reprovações no percurso escolar realizou-se o teste *t* de *student* para amostras independentes (Tabela 1).

Tabela 1. Médias, desvios-padrão, mínimos e máximos e valor *t* em função das reprovações para as dimensões da Escala de Auto-conceito e Auto-Estima

	Reprovação	n	Média	DP	Mínimo	Máximo	t	p
Competência Escolar	Não	83	13.00	2.46	8	19	.695	.488
	Sim	66	12.74	1.96	8	19		
Aceitação Social	Não	83	15.41	2.17	9	20	.845	.399
	Sim	66	15.07	2.63	7	20		
Competência Atlética	Não	83	12.46	2.91	6	20	-1.034	.303
	Sim	66	12.97	3.14	7	20		
Aparência Física	Não	83	12.89	3.31	5	20	-.377	.707
	Sim	66	13.10	3.39	6	20		
Atracção Romântica	Não	83	13.31	2.28	8	20	-.064	.949
	Sim	66	13.34	2.57	5	20		
Comportamento	Não	83	14.99	2.00	10	20	-.912	.363
	Sim	66	15.31	2.34	10	20		
Amizades Íntimas	Não	83	16.73	2.82	10	20	.292	.771
	Sim	66	16.60	2.59	10	20		
Competência a Língua Materna	Não	83	13.62	2.13	9	19	.549	.584
	Sim	66	13.42	2.36	6	20		
Competência a Matemática	Não	83	11.67	3.38	5	20	-.549	.584
	Sim	66	11.98	3.62	5	20		
Auto-Estima	Não	83	16.42	2.70	9	23	-1.000	.319
	Sim	66	16.88	2.94	11	24		

Da análise da Tabela 1 pode-se constatar que, de um modo geral, os estudantes obtiveram médias mais elevadas nas subescalas referentes às amizades íntimas, auto-estima, comportamento e aceitação social.

Pode-se igualmente constatar que as diferenças de médias entre os estudantes sem reprovações e os estudantes com pelo menos uma retenção escolar não foram estatisticamente significativas.

No que concerne à existência de diferenças no auto-conceito e auto-estima em função do sexo, da análise da Tabela 2, verifica-se que os rapazes apresentaram médias estatisticamente superiores às das raparigas no auto-conceito referente à competência atlética e à aparência física. Por seu lado, as raparigas exibiram médias estatisticamente superiores aos rapazes no respeitante às amizades íntimas.

Tabela 2. Médias, desvios-padrão, mínimos e máximos e valor *t* em função do sexo para as dimensões da Escala de Auto-conceito e Auto-Estima

	Sexo	n	Média	DP	Mínimo	Máximo	t	p
Competência Escolar	Masculino	64	13.11	2.19	9	19	1.058	.292
	Feminino	85	12.72	2.28	8	19		
Aceitação Social	Masculino	64	15.48	2.49	9	20	1.002	.318
	Feminino	85	15.09	2.30	7	20		
Competência Atlética	Masculino	64	13.72	2.76	7	20	3.792	.000
	Feminino	85	11.91	2.98	6	20		
Aparência Física	Masculino	64	13.79	3.19	6	20	2.610	.010
	Feminino	85	12.38	3.34	5	20		
Atração Romântica	Masculino	64	13.60	2.57	8	20	1.226	.222
	Feminino	85	13.12	2.26	5	19		
Comportamento	Masculino	64	15.15	2.11	10	19	.091	.928
	Feminino	85	15.12	2.20	10	20		
Amizades Íntimas	Masculino	64	15.79	2.87	10	20	-3.579	.000
	Feminino	85	17.34	2.40	10	20		
Competência a Língua Materna	Masculino	64	13.32	2.33	8	20	-1.006	.316
	Feminino	85	13.69	2.14	6	19		
Competência a Matemática	Masculino	64	12.16	3.56	5	20	1.082	.281
	Feminino	85	11.54	3.42	5	19		
Auto-Estima	Masculino	64	16.51	3.015	10	24	-.442	.659
	Feminino	85	16.71	2.66	9	23		

Com o objectivo de verificar a existência de diferenças nas dimensões do auto-conceito e da auto-estima em função do nível de escolaridade dos pais realizaram-se comparações de médias. Para avaliar o significado estatístico das diferenças entre as médias obtidas utilizou-se a análise de variância (ANOVA). Para efectuarmos os cálculos da ANOVA devem ser cumpridas duas assumpções: a normalidade e a homogeneidade das variâncias, tendo esta sido analisada com o teste de Levene. Para os testes *post hoc* foi escolhido o *Sheffé test*.

No respeitante à escolaridade do pai verificou-se uma diferença estatisticamente significativa na dimensão competência escolar [$F(2, 133) = 6.696, p = .002$], sendo que os estudantes cujos pais têm um curso superior ($M = 15.83; DP = 2.56$) apresentaram médias estatisticamente superiores aos colegas cujos pais têm como escolaridade até ao 3.º ciclo do ensino básico ($M = 12.96; DP = 2.09$) e escolaridade ao nível do secundário ($M = 12.17; DP = 2.41$).

A escolaridade do pai influencia também a auto-estima [$F(2, 133) = 4.957, p = .008$], sendo que os estudantes cujos pais têm escolaridade até ao 3.º ciclo do ensino

básico ($M=17.02$; $DP=2.79$) apresentaram médias estatisticamente superiores aos colegas cujos pais detêm o ensino secundário ($M=15.08$; $DP=2.61$).

Relativamente à escolaridade da mãe verificou-se que as diferenças nas médias referentes às dimensões do auto-conceito e auto-estima em função dessa variável não foram estatisticamente significativas.

Relativamente à caracterização da relação de namoro e, mais especificamente, à sua duração, verificou-se para os rapazes, uma média de 8.39 ($DP=9.04$) meses, variando a mesma entre menos de um mês e 36 meses. A média da duração da relação de namoro para as raparigas foi de 9.93 ($DP=9.65$) meses, oscilando a mesma entre menos de um mês e 48 meses.

Para 70 estudantes (47%) a relação de namoro envolveu uma componente sexual, enquanto que para 74 estudantes (49.7%) esta componente não estava (ou não esteve) presente nas suas relações. Foram omissos nesta questão 5 participantes.

No que concerne ao nível de envolvimento na relação (variando entre 1 – estou, ou estive, pouco envolvido na relação e 5 – tenho, ou tinha, planos futuros para a relação), a média obtida para os rapazes foi de 3.54 ($DP=1.02$) e para as raparigas foi de 3.53 ($DP=1.24$).

Da análise da Tabela 3 pode-se constatar que, na globalidade, o tipo de vinculação mais frequente foi a vinculação pautada pela confiança. Todavia, constata-se também médias elevadas na dimensão referente à dependência.

Procurou-se igualmente analisar se existiam diferenças significativas ao nível da vinculação ao par romântico em função da existência da componente sexual nas relações de namoro. Verificou-se a existência de diferenças estatisticamente significativas nas médias de todas as dimensões do QVA em função da componente sexual nas relações de namoro. Assim, os adolescentes cujas relações de namoro tinham (ou tiveram) uma componente sexual apresentaram médias estatisticamente superiores nas dimensões confiança e dependência. Por seu lado, os adolescentes cujas relações de namoro não envolviam (ou não envolveram) uma componente sexual apresentaram médias superiores nas dimensões evitamento e ambivalência.

Tabela 3. Médias, desvios-padrão, mínimos e máximos e valor *t* em função da presença de componente sexual nas relações de namoro para as dimensões do QVA

	Componente sexual	n	Média	DP	Mínimo	Máximo	t	p
Confiança	Sim	70	66.62	9.14	39	78	4.607	.000
	Não	74	59.32	9.83	29	76		
Dependência	Sim	70	49.16	10.22	25	73	3.037	.003
	Não	74	43.97	10.29	19	73		
Evitamento	Sim	70	28.67	10.25	13	55	-3.450	.001
	Não	74	34.90	11.37	17	70		
Ambivalência	Sim	70	36.50	10.14	16	60	-2.568	.011
	Não	74	40.86	10.22	15	70		

Com o objectivo de estudar a vinculação ao par romântico em função do sexo dos adolescentes procedemos ao cálculo do *t* de student (Tabela 4).

Tabela 4. Médias, desvios-padrão, mínimos e máximos e valor *t* em função do sexo para as dimensões do QVA

	Sexo	n	Média	DP	Mínimo	Máximo	t	p
Confiança	Masculino	64	61.82	10.77	32	78	-1.278	.203
	Feminino	85	63.97	9.69	29	78		
Dependência	Masculino	64	47.78	9.54	28	73	1.458	.147
	Feminino	85	45.24	11.73	19	73		
Evitamento	Masculino	64	34.16	11.90	13	70	1.814	.072
	Feminino	85	30.70	11.19	13	65		
Ambivalência	Masculino	64	39.68	11.43	17	70	.948	.345
	Feminino	85	38.012	10.03	15	60		

Da análise da Tabela 4, verifica-se que as diferenças nas médias dos diversos tipos de vinculação ao par romântico em função do sexo dos estudantes não são estatisticamente significativas.

Com a finalidade de analisar a relação entre auto-conceito e auto-estima e vinculação ao par romântico procedeu-se ao cálculo do coeficiente de correlação de Pearson (Tabela 5).

Tabela 5. Correlações entre as dimensões da Escala de Auto-conceito e Auto-Estima e as dimensões do QVA

		Confiança	Dependência	Evitamento	Ambivalência
Competência Escolar	r	-.024	-.116	.163*	-.024
	p	.770	.160	.047	.773
Aceitação Social	r	.171*	-.016	.028	-.148
	p	.037	.850	.731	.072
Competência Atlética	r	.065	.094	-.077	-.098
	p	.431	.255	.351	.232
Aparência Física	r	.044	-.088	.019	-.168*
	p	.592	.286	.814	.041
Atração Romântica	r	.207*	.077	-.125	-.132
	p	.011	.353	.129	.107
Comportamento	r	.126	.053	-.014	-.040
	p	.125	.518	.870	.624
Amizades Íntimas	r	.431**	.039	-.274**	-.237**
	p	.000	.637	.001	.004
Competência a Língua Materna	r	.072	.080	-.124	.010
	p	.383	.335	.131	.905
Competência a Matemática	r	-.138	-.085	.153	-.006
	p	.093	.300	.062	.942
Auto-Estima	r	.081	-.133	.051	-.165*
	p	.326	.106	.534	.044

* Correlação significativa para .05 (bicaudal)

** Correlação significativa para .01 (bicaudal)

Da análise da Tabela 5 constata-se a existência de uma correlação positiva e estatisticamente significativa entre a competência escolar e o evitamento.

A dimensão referente à aceitação social correlaciona-se positivamente com a dimensão confiança do QVA.

A aparência física associa-se de modo negativo à ambivalência.

A atração romântica encontra-se correlacionada de modo positivo com a confiança.

A dimensão referente às amizades íntimas correlaciona-se positivamente com a confiança e negativamente com o evitamento e a ambivalência.

Por último, a auto-estima correlaciona-se de modo negativo com a ambivalência, ou seja, quanto mais positiva a avaliação global do adolescente enquanto pessoa menor a percepção de insegurança e dúvida face ao par romântico.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com base nos resultados apresentados verificou-se que os estudantes apresentaram de um modo global, valores mais elevados na percepção da sua capacidade para fazer e manter amigos íntimos, na avaliação global do seu valor, na sua capacidade de se comportar de acordo com as expectativas dos outros e na sua popularidade.

O sucesso escolar dos estudantes, avaliado com base na (in)existência de retenções escolares no seu percurso académico, não os diferenciou relativamente aos níveis de auto-conceito e auto-estima apresentados. Estes resultados foram também encontrados por Peixoto (2003). A inexistência de diferenças poderá estar relacionada com o recurso à utilização de mecanismos de protecção do auto-conceito e da auto-estima por parte dos alunos com retenções escolares.

Rapazes e raparigas apresentaram diferenças em termos de dimensões específicas do auto-conceito sendo que os rapazes se perceberam como mais competentes na dimensão atlética e em termos de aparência física. Os rapazes tendem a considerar-se mais satisfeitos com a sua capacidade atlética e aparência do que as raparigas (Peixoto, 2003; Peixoto & Almeida, 1999). Tais resultados poderão estar relacionados com as práticas de socialização favorecendo mais a componente atlética nos rapazes e com os estereótipos de beleza, os quais poderão exercer maior pressão sobre as raparigas do que sobre os rapazes. Por outro lado, os efeitos diferenciais da puberdade e da adolescência poderão constituir experiências de insegurança e preocupação para as adolescentes (Sprinthall & Collins, 1999).

Por seu lado, as raparigas perceberam-se como detendo mais competências em termos do estabelecimento e manutenção de amizades íntimas (Peixoto, 2003). Tal poderá estar relacionado com a ideia de que as raparigas estarão mais direccionadas para o relacionamento interpessoal, recebendo maior pressão para a simpatia e o altruísmo (Cruz, 1996; Faria & Santos, 2001).

Ao contrário do esperado, de um modo geral, não se verificou efeito da variável escolaridade dos pais no auto-conceito e auto-estima dos adolescentes. Tal poderá estar associado à importância e à influência do grupo de pares enquanto contexto de desenvolvimento na adolescência (Sprinthall & Collins, 1999).

Numa perspectiva da vinculação, o tipo de vinculação amorosa dos adolescentes da nossa amostra que foi mais frequente pautou-se pela confiança no(a) companheiro(a)

enquanto figura de vinculação. Os participantes evidenciaram assim uma representação do par romântico em termos de responsividade e sensibilidade às suas necessidades, sendo o(a) namorado(a) percebido(a) como fonte de segurança, conforto e de apoio (Matos et al., 2001). Foi também evidente a avaliação da vinculação amorosa na dimensão dependência, podendo esta representação traduzir a necessidade da proximidade física e emocional, a ansiedade da separação e o medo da perda. Este resultado poderá ser o reflexo da necessidade dos adolescentes se sentirem integrados e aceites pelos seus pares (Sprinthall & Collins, 1999).

Os estudantes que referiram a existência da componente sexual nas suas relações de namoro apresentaram médias também mais elevadas nas dimensões confiança e dependência. Este resultado poderá ser indicador de que a componente sexual nas relações de namoro, por um lado, surge enquadrada num contexto relacional de segurança, conforto e confiança e, por outro, num contexto de grande proximidade emocional e física pautada por um medo da perda e da separação.

Ao contrário do encontrado noutros estudos (Bartholomew & Horowitz, 1991; Matos & Costa, 2006), na vinculação ao par romântico não se verificaram diferenças em função do sexo. Tal poderá ser o reflexo de um esbatimento das diferenças de sexo implícitas na definição dos papéis sexuais tradicionais.

No que se refere à relação entre auto-conceito e auto-estima e vinculação amorosa, a vinculação segura e pautada pela confiança surgiu associada de modo positivo e estatisticamente significativo à dimensão aceitação social, atracção romântica e amizades íntimas. Quanto maior a percepção do par romântico como fonte de apoio e conforto maior a percepção de competência a nível da aceitação pelos outros, da sua capacidade para atrair romanticamente os outros e da sua capacidade para fazer e manter amigos íntimos.

5. CONCLUSÕES

Em suma, com o presente trabalho procurámos salientar os efeitos das variáveis sócio-demográficas e académicas referentes ao sexo, reprovações escolares, nível de escolaridade dos pais, e variáveis referentes à relação de namoro nos instrumentos utilizados. Os resultados obtidos permitiram constatar a existência de efeitos destas diferentes variáveis no auto-conceito, na auto-estima e na qualidade da vinculação ao par romântico.

Dada a importância do auto-conceito e auto-estima, enquanto elementos centrais da personalidade, não só para a qualidade da vinculação ao par romântico, mas também para a compreensão dos processos de adaptação aos diversos acontecimentos de vida, importa o desenvolvimento de programas de promoção de competências pessoais e sociais que contribuam para a promoção do auto-conceito/auto-estima e de relações de namoro pautadas pela confiança e segurança.

CONTACTO PARA CORRESPONDÊNCIA

Susana Margarida Rodrigues Custódio
Escola Superior de Saúde de Leiria, *Campus 2* – Morro do Lena – Alto do Vieiro
Apartado 4137
2411-901 Leiria
susana.custodio@esslei.ipleiria.pt

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, *44*, 709-716.
- Allison, P. D. (2002). *Missing data*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, *61*(2), 226-244.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Separation, anxiety and anger* (Vol. 2). New York: Basic Books.
- Cruz, O. (1996). O auto-controlo nas crianças de 5 anos. Relação com as ideias teóricas e com as respostas às situações disciplinares das mães. Dissertação apresentada à FPCE-UP para provas de Doutoramento em Psicologia. Porto: FPCE-UP.
- Faria, L., & Santos, N. L. (2001). Auto-conceito de competência: Estudos no contexto educativo português. *Psychological Inquiry*, *26*, 213-231.
- Harter, S. (1999). *The construction of the self: A developmental perspective*. New York: The Guilford Press.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry*, *5*(1-22).
- Matos, P. M., Barbosa, S., & Costa, M. E. (2001). Avaliação da vinculação amorosa em adolescentes e jovens adultos: Construção de um instrumento e estudos de validação. *RIDEP*, *11*(1).

- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2001). *Questionário de vinculação amorosa*. Manuscrito não publicado. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2006). Vinculação aos pais e ao par romântico em adolescentes. *Psicologia*, 20(1), 97-126.
- Peixoto, F. (2003). *Auto-estima, Autoconceito e dinâmicas relacionais em contexto escolar estudo das relações entre auto-estima, autoconceito, rendimento académico e dinâmicas relacionais com a família e com os pares em alunos do 7º, 9º e 11º anos de escolaridade*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia. Braga: Universidade do Minho.
- Peixoto, F., & Almeida, L. S. (1999). Escala de Auto-Conceito e Auto-Estima. In A. P. Soares, S. Araújo & S. Caires (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (Vol. VI, pp. 632-640). Braga: APPORT.
- Shavelson, R. J., & Bolus, R. (1982). Self-concept: The interplay of theory and methods. *Journal of Educational Psychology*, 74, 3-17.
- Soares, I. (2007). Desenvolvimento da teoria e da investigação da vinculação. In I. Soares (Ed.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação*. Braga: Psiquilíbrios.
- Sprinthall, N. & Collins, A. (1999). *Psicologia do Adolescente: Uma Abordagem Desenvolvimentista*. Trad. Cristina Vieira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.